

DOI: 10.70513/saberes-praticas-educacao-infantil.03

Entre linhas e memórias: colchas de retalhos e portfólios como narrativas formativas de professoras da pré-escola

*Amanda Sousa Galvínio
Evelyn Fernandes Azevedo Faheina
Maíra Lewtchuck Espinola*

Introdução

“Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.” (Pizzimenti, s/d).

O poema de Pizzimenti abre esta reflexão como quem abre um tecido antigo, daqueles que guardam nas tramas os sinais de quem os tocou. Ele nos convida a pensar a formação de professores(as) como um processo vivo, tecido de experiências e memórias, de gestos e vozes que se encontram no cotidiano da escola. Foi a partir dessa imagem, a do tecido como metáfora da experiência, que se costurou o trabalho formativo desenvolvido com professoras da etapa da pré-escola da Educação Infantil a partir do projeto Saberes e Práticas na/da Educação Infantil, realizado em parceria entre a Universidade Federal da Paraíba e a Secretaria de Educação do Município de João Pessoa durante nos anos de 2022 e 2023¹.

Este capítulo apresenta parte deste percurso formativo, especialmente a partir das metodologias da colcha de retalhos e do portfólio, tomadas aqui como dispositivos de formação,

¹ Além disso, este convênio possibilitou a realização do projeto de pesquisa realizado em 2023 intitulado “RETALHOS DE UMA COLCHA: o uso da documentação pedagógica na formação de professoras da Educação Infantil em João Pessoa (2022-2023)”.

memória e autoria. Essas práticas se consolidaram no interior do projeto como espaços de escuta e de reflexão sobre a docência, permitindo que professoras e formadoras compartilhassem modos de narrar o cotidiano, transformando-o em lugar de pensamento e de criação.

Nosso objetivo é explicar de que forma essas metodologias, ao serem desenvolvidas coletivamente, contribuíram para o fortalecimento dos processos de formação continuada, reconhecendo a importância de registros que ultrapassam o caráter técnico e ganham dimensões estéticas, simbólicas e afetivas. A colcha de retalhos e o portfólio revelaram-se caminhos de expressão e de escrita de si, construindo pontes entre a experiência e a reflexão, entre o vivido e o narrado (Passeggi, 2010).

A metáfora da colcha, trabalhada no projeto, evoca a ideia de uma costura coletiva. Cada retalho traz a singularidade de uma professora cursista², a voz de uma criança, um pedaço de história que, ao se unir aos demais, dá forma a uma memória comum. Já o portfólio, produzido pelas professoras formadoras³, tornou-se espaço de registro e análise da caminhada, reunindo textos, imagens e impressões que traduzem a intensidade do vivido e as aprendizagens do percurso. Ambos são compreendidos aqui como narrativas formativas e documento pedagógico da formação continuada, no sentido de que propiciam o exercício da escuta, da autoria e do reconhecimento de si como sujeito da própria prática (Dahlberg, 2016).

Inspiramo-nos em Nóvoa (1995, s/p), que nos lembra que “[...] a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas por um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente da identidade pessoal”. Nesse horizonte, entendemos que o processo formativo se tece nas relações entre professoras cursistas e professoras formadoras ao interpretarem as relações pedagógicas vivenciadas nas instituições educativas junto com as crianças, em uma tessitura que combina saberes, afetos e memórias.

O texto que se segue apresenta esse movimento. Nele, o processo de construção das colchas de retalho e o do portfólio são tomados como resultados de um projeto formativo e como manifestações de uma pedagogia da escuta e da sensibilidade. D’Avila (2022, p. 136), define essa escolha metodológica como sendo primordial, nesse sentido “[...] ouvir os professores e ressignificar com eles os sentidos, as concepções que possuíam sobre o ensinar e o aprender”, trata-se de reconhecer gestos que acolhem e transformar experiência em narrativa, em um processo contínuo de formação e reconhecimento.

O capítulo organiza-se em três seções que dialogam entre si para narrar o percurso formativo vivido. Em “Entre tecidos e vozes: a colcha de retalhos como prática de escuta e

2 Identificamos como professoras cursistas as docentes da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB.

3 Identificamos como professoras formadoras as docentes da UFPB que integram o projeto.

criação”, discute-se como a metáfora da colcha de retalhos expressa a diversidade de experiências, saberes e vozes que se entrelaçam no processo formativo, valorizando a escuta sensível e a criação coletiva. Na seção “Tecendo com palavras e imagens: o portfólio como espaço de documentação e memória”, o foco recai sobre o portfólio como instrumento que registra, dá visibilidade e ressignifica as aprendizagens, funcionando como um tecido narrativo construído com registros escritos, fotográficos e reflexivos. Por fim, em “Finalizando as costuras: a formação como narrativa e memória”, são retomados os fios que compõem o percurso, destacando como a formação se transforma em narrativa compartilhada e memória construída coletivamente, revelando sentidos, aprendizagens e marcas deixadas ao longo do processo.

Entre tecidos e vozes: a colcha de retalhos como prática de escuta e criação

As colchas de retalhos foram confeccionadas no âmbito do projeto Saberes e Práticas na/da Educação Infantil como uma proposta formativa voltada à reflexão sobre o cotidiano dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs). Para tanto, escolheu-se iniciar o processo no terceiro encontro formativo sob o tema “(Re)pensando a rotina na Educação Infantil”. Esse encontro, teve como objetivo geral compreender as características do cotidiano e da rotina na Educação Infantil, distinguindo os tempos e temporalidades da criança e da instituição.

Na atividade formativa as professoras cursistas realizaram rodas de conversa com as crianças nos CMEIs⁴, perguntando quais momentos da rotina elas mais apreciavam, quais modificariam e o que gostariam de acrescentar. A partir dessas escutas, no quarto encontro formativo, cada professora cursista traduziu as respostas das crianças em formato de desenhos pintados em pedaço de tecidos, que se tornaram os retalhos das colchas coletivas.

Imagem 1. Etapa inicial da produção da colcha de retalhos.



Fonte: arquivo do projeto.

⁴ Este é o nome dado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB às instituições educacionais de Educação Infantil que fazem parte da rede municipal.

A fotografia apresentada, assim com as demais inseridas no decorrer deste capítulo, revela o processo formativo envolvido na construção da colcha de retalhos, conduzido pelas professoras formadoras por meio de uma metodologia colaborativa que estimula a reflexão conjunta. Além disso, as fotografias que utilizamos neste estudo são entendidas como documento pedagógico e histórico produzido pelo projeto Saberes e Práticas na/da Educação Infantil (Pontes, 2024)⁵.

Com isso, é possível identificar na imagem a metodologia adotada no processo, que corresponde a própria organização do ambiente formativo em que a disposição das cadeiras e mesas em círculo rompe com a hierarquia tradicional da sala de aula e cria um espaço horizontal, no qual todas ocupam o centro da experiência. Esse formato simbólico remete à união e à construção coletiva do conhecimento, sustentada pelo diálogo e pela escuta mútua (D'Ávila, 2022).

No momento registrado, as professoras cursistas manipulavam tecidos e tintas, ativando dimensões lúdicas e sensoriais da aprendizagem. A imagem evidencia concentração, cuidado e respeito pelo processo formativo, enquanto a variedade de cores representa a pluralidade de saberes e trajetórias presentes no grupo. Assim, a cena revela a colcha de retalhos como uma prática viva, sensível e coletiva, em que aprender ocorre na relação, na escuta e na presença, reafirmando a importância de ambientes pedagógicos que valorizem a participação ativa e a construção compartilhada do conhecimento.

Portanto, defendemos que este processo foi mais que estético: foi um exercício de escuta e autoria docente e de colocar as vozes infantis no centro das práticas pedagógicas. Os materiais finais, colchas de tecidos coloridos costurada pelas professoras formadoras, simbolizavam a união entre saberes docentes e saberes infantis, como narrado por Lima e Brito (2022, p. 10):

A colcha de retalhos simboliza um emaranhado de histórias. Cada pedaço representa uma professora com sua singularidade e suas experiências únicas com as crianças no cotidiano educacional. Os retalhos contam a narrativa das crianças pelas vozes das professoras que, costurados uns nos outros, passam a existir conjuntamente, dando sentido à memória coletiva da pré-escola.

Esse movimento ressignificou o lugar da formação como produção coletiva de sentidos e de conhecimentos. Cada professora cursista, ao pintar, refletia sobre sua rotina, sobre o tempo das crianças e sobre a importância do brincar como linguagem da infância,

⁵ É importante destacar que muitas das fotografias apresentadas neste estudo, referente ao projeto *Saberes e Práticas na/da Educação Infantil*, mostram os participantes usando máscaras. Isso se deve ao contexto pós-pandemia da Covid-19, período em que o uso desse item ainda era obrigatório em algumas situações.

pois como sabemos “[...] as interações e as brincadeiras são eixos estruturantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil” (Brasil, 2017, p. 33), o que evidencia o papel do brincar como meio de construção de conhecimento e de produção cultural.

Nessa mesma direção, o RCNEI destaca que o “[...] brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia [da criança]” (Brasil, 1998, p. 27), reafirmando a importância das experiências lúdicas no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Assim, o brincar ultrapassa a dimensão do entretenimento, constituindo-se como uma forma de expressão, comunicação e elaboração simbólica do mundo vivido pela criança. Por meio das brincadeiras, as crianças experimentam papéis sociais, exploram regras, constroem hipóteses e ressignificam suas experiências cotidianas.

O processo formativo das professoras cursistas desempenha um papel essencial nesse contexto, pois é por meio da reflexão sobre suas práticas e escuta sensível do cotidiano que elas podem reconhecer o brincar como espaço de aprendizagem e de produção do conhecimento. Conforme orienta a BNCC, o(a) professor(a) deve atuar como mediador(a) das experiências infantis, observando as brincadeiras e utilizando-as como ponto de partida para planejar propostas pedagógicas que valorizem os interesses e modos de agir das crianças (Brasil, 2017). Portanto,

A colcha de retalhos, como metodologia narrativa, reconhece o fragmento, isto é, cada pintura, como unidade de registro que dá sentido a cada retalho da colcha. Assim, cada retalho é também um documento autobiográfico, uma memória da prática, uma imagem da relação entre professora e criança. Por isso, pensamos que as colchas mais do que produtos visuais, é um texto coletivo, um modo de tornar visível a experiência educativa. A colcha é uma ferramenta (auto)formativa que busca discutir os processos de aprendizagem vivenciados pelos sujeitos, trazendo para o centro das análises a reflexão do cotidiano educacional e a importância das narrativas e da práxis pedagógica. (Lima; Brito, 2022, p. 12).

Dessa forma, o processo formativo permitiu às professoras relerem o cotidiano com as crianças e perceber que o brincar é um espaço de construção de conhecimento, pois sabemos que:

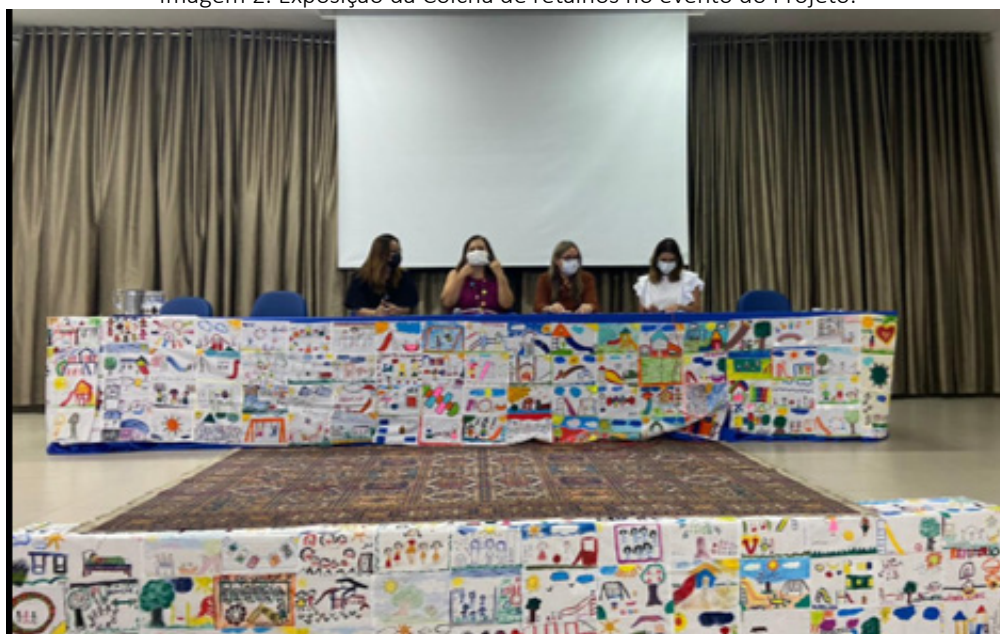
[...] o professor, ao observar e participar das brincadeiras, pode compreender melhor as formas de pensar e agir das crianças, reelaborando suas práticas a partir dessa escuta sensível e reflexiva (Brasil, 2017, p. 38).

Assim, o brincar, como meio privilegiado de aprendizagem e de produção de cultura, possibilita às professoras reinterpretarem o brincar como prática educativa, ampliando seu olhar sobre os processos de conhecimento infantil.

As colchas, enquanto dispositivos narrativos, reconhecem o fragmento como unidade de sentido. Cada retalho é uma memória, uma escrita de si. Nessa perspectiva, a colcha é também um texto coletivo, um modo de tornar visível a experiência educativa, um testemunho do que se vive e do que se aprende. É, portanto, um artefato formativo que nos convida a pensar a docência como uma prática de criação e de reflexão sobre o cotidiano.

Ao final, cada turma da formação construiu sua colcha de retalho, totalizando quatorze colchas que depois foram costuradas pelas professoras formadoras se transformando em uma enorme colcha de retalhos coletiva.

Imagem 2. Exposição da Colcha de retalhos no evento do Projeto.



Fonte: arquivo do projeto.

Nesta imagem, a colcha de retalhos foi colocada no centro da mesa de abertura do Seminário da Educação Infantil: saberes e práticas que abordou tema “Transições na/da Educação Infantil”, realizado em dezembro de 2022 no auditório da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, como culminância das atividades do projeto Saberes e Práticas na/da Educação Infantil naquele ano⁶.

Nesse sentido, a colcha de retalhos, ao ocupar o centro da mesa, assume um papel de destaque, tornando-se ponto de convergência entre os sujeitos envolvidos

6 Sentadas à mesa, da esquerda para a direita, estão: a coordenadora geral do projeto, profa. Nádia Jane de Sousa; a diretora do Centro de Educação da UFPB, profa. Adriana Valéria dos Santos Diniz; a secretária de Educação do Município de João Pessoa, profa. Maria América de Assis Castro; e a diretora do Departamento de Educação Infantil da Secretaria de Educação do Município de João Pessoa, profa. Maria Sonaly Machado de Lima.

no processo formativo. Sua presença reforça a ideia de horizontalidade e colaboração, rompendo com a lógica hierárquica tradicional dos espaços educativos. A disposição dos retalhos lado a lado sugere uma tessitura de vínculos, em que o conhecimento é tecido na escuta, no gesto e na presença. Assim, a colcha simboliza uma prática viva que materializa o aprender em comunidade.

Além da confecção da colcha, também desenvolvemos a elaboração de um portfólio pelas professoras formadoras da pré-escola, que registraram e analisaram as experiências de cada encontro formativo, o qual apresentamos na próxima seção.

Tecendo com palavras e imagens: o portfólio como espaço de documentação e memória

Durante o projeto, as professoras formadoras elaboraram um portfólio coletivo referente à etapa formativa da pré-escola. Esse material funcionou como instrumento de documentação e reflexão pedagógica sobre o processo vivido ao longo do ano, reunindo registros escritos, fotográficos e narrativos que evidenciavam as aprendizagens das professoras cursistas e as devolutivas construídas durante o percurso.

Ao sistematizar essas experiências, as professoras formadoras elaboraram um portfólio coletivo que, ao final, reuniu sessenta e três páginas. O documento foi estruturado em cinco sessões: nossas memórias, nossas vivências, nossas aprendizagens, nossas inspirações e nossas práticas. Em cada uma delas, as professoras formadoras incluíram informações referentes às suas turmas, extraídas de diferentes fontes: os relatos de experiências registrados nos cadernos de memórias⁷ pelas professoras cursistas ao longo do processo formativo; os roteiros de aprendizagens construídos coletivamente para cada tema trabalhado; e os formulários de avaliação aplicados durante o desenvolvimento do projeto.

Portanto, o portfólio foi compreendido como um instrumento de documentação pedagógica, capaz de evidenciar os processos de aprendizagem das professoras cursistas e de tornar visível o percurso formativo coletivo. Nessa perspectiva, a documentação pedagógica tem como finalidade o exercício democrático que envolve a comunicação constante entre procedimentos educativos e formativos, vividos no cotidiano das instituições, com a sociedade civil (Dahlberg, 2016).

7 O caderno de memória foi uma documentação pedagógica produzida pelas professoras-cursistas ao longo de todo processo formativo. Em cada encontro era sorteada uma professora-cursista para fazer o relato das experiências vivenciadas naquele dia. Dessa forma, cada turma da formação produziu seu próprio caderno de memória dos encontros realizados.

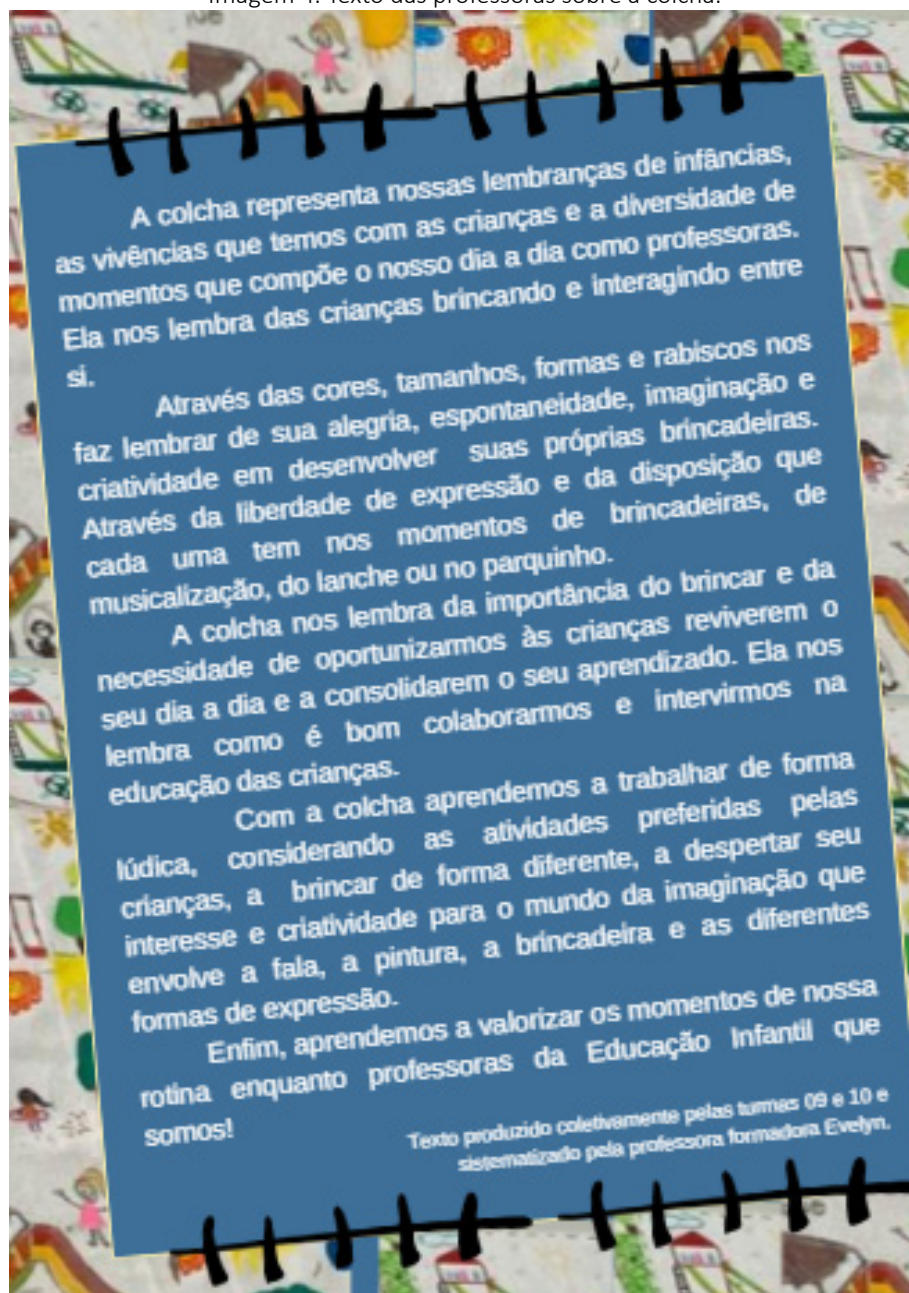
Imagem 3. Capa do Portfólio.



Fonte: arquivo do projeto.

O portfólio além de ser uma documentação pedagógica importante, como um arquivo de atividades, foi entendido nesse processo como um espaço de escrita de si e de construção de saberes (Passeggi, 2010). Tomando como base as orientações de Nóvoa (1995), as professoras formadoras compreendiam que narrar o vivido é um ato de formação. Ao registrar as experiências, os encontros e as descobertas, o grupo produziu uma escrita que é, ao mesmo tempo, memória e análise. Dessa forma, ato de escrever-se, de narrar as próprias práticas, torna-se um exercício de autoformação e autoria.

Imagem 4. Texto das professoras sobre a colcha.



Fonte: arquivo do projeto.

O processo de construção do portfólio, assim como o da colcha de retalhos, foi realizado de forma coletiva, em que as professoras formadoras partilhavam as aprendizagens e as dúvidas emergentes. Esse diálogo constante permitiu que o conhecimento produzido em cada turma da formação da etapa da pré-escola se transformasse em saber coletivo, em um verdadeiro “bordado de nós”. Nesse sentido, o portfólio assume a ideia de costura textual: um tecer de palavras, imagens e sentidos. Cada registro é um ponto no tecido da formação: a palavra que liga o vivido à reflexão, sendo complementar a construção das

colchas de retalhos. Como afirma o relatório do projeto, essas produções são “retalhos textuais, os quais nos levam a refletir sobre a importância de cada momento vivenciado na Educação Infantil de João Pessoa” (Lima, Brito, 2022, p. 5).

Diante disso, selecionamos alguns trechos do portfólio referentes às sessões “Nossas Memórias” e “Nossas Vivências”, com o intuito de evidenciar e demonstrar o trabalho realizado ao longo do processo formativo. A escolha desses registros não se limita a uma função ilustrativa, mas assume caráter documental e pedagógico, permitindo compreender como as práticas vivenciadas foram apropriadas pelas professoras cursistas e ressignificadas em suas narrativas.

Imagem 5. Momento de acolhida da formação.



Fonte: Galvínio *et al.* (2023).

A fotografia representa um momento de vivência acolhedora promovido pelas professoras formadoras em um espaço ao ar livre na UFPB, no qual as professoras cursistas foram convidadas a darem as mãos para dançar a Ciranda do Anel, de Bia Bedran. Essa atividade teve como objetivo proporcionar uma experiência em ambiente natural, fora da sala de aula, reforçando valores de união, conexão e descontração entre as participantes.

Além da fotografia, o portfólio registra, por meio dos cadernos de memória das professoras cursistas, referências a essa atividade. Uma delas escreveu: “Nosso encontro foi iniciado de maneira lúdica, diferente e divertida. Participamos de uma ciranda ao ar livre com a ciranda do anel de Bia Bedran: gesticulamos, cantamos e nos divertimos (Galvínio *et al.*, 2023, p. 9)”. Outra cursista destacou: “Nosso encontro hoje teve uma acolhida especial.

[...] Fomos recepcionadas ao ar livre, embaixo de árvores com muita sombra. [...] Fizemos uma grande roda, dançamos e cantamos [...] (Galvínio *et al.*, 2023, p. 9)”.

Esses relatos reforçam que o ato educativo deve ser compreendido como encontro entre sujeitos que, em comunhão, constroem saberes e se reconhecem como protagonistas do processo. Assim, a fotografia e os registros escritos demonstram a importância de criar espaços educativos que transcendam os limites da sala de aula, favorecendo experiências sensoriais, afetivas e colaborativas, fundamentais para a formação docente e que possa ser replicado também junto com as crianças nas instituições educativas.

Na próxima fotografia, registramos um momento da sessão “Nossas Vivências”.

Imagem 6. Momento de atividade pedagógica.



Fonte: Galvínio *et al.* (2023).

No registro, as professoras cursistas estão posicionadas em semicírculo, apresentando uma dinâmica de brincadeiras, na qual cada uma trouxe brinquedos confeccionados por elas mesmas. A proposta da atividade consistia em mostrar às demais participantes como se brincava com esses objetos, resgatando memórias e práticas da infância.

No centro da roda, uma das cursistas brinca com seu carrinho feito de lata, enquanto as demais observam atentamente, aguardando sua vez de se apresentar. A cena evidencia um ambiente colaborativo, marcado pela escuta, pela partilha e pelo respeito

às experiências individuais. Esse momento foi registrado nos cadernos de memória das participantes como:

Apresentação das vivências, brinquedos e brincadeiras trazidas pelas professoras, os quais se relacionavam ao tema do projeto que estávamos desenvolvendo com elas: Memórias de nossas infâncias. Na medida em que as professoras mostravam seus brinquedos relacionavam também aos direitos de aprendizagem e aos campos de experiência (Galvêncio *et al.*, 2023, p. 25).

Dessa forma, a atividade resgatou memórias afetivas, mas também possibilitou reflexões pedagógicas sobre a importância do brincar como prática formativa e como direito fundamental das crianças.

Finalizando as costuras: a formação como narrativa e memória

Ao chegarmos no final da costura deste capítulo, apreendemos que a análise das metodologias das colchas de retalhos e do portfólio evidencia a potência das práticas narrativas na formação de professoras da Educação Infantil. Ambas as experiências reafirmam que a docência é um fazer que se constrói no encontro entre pessoas, saberes e narrativas.

Assim, as colchas de retalhos revelam os saberes das professoras cursistas, que aprenderam com as professoras formadoras, as crianças e entre si a olhar as práticas dos/nos CMEIs com mais sensibilidade. O portfólio, tecido de palavras e reflexões, compõe um olhar das formadoras, que, ao registrar, também repensam a própria formação docente e suas práticas. Assim, essas práticas nos mostram que formar-se é também narrar-se e que a formação continuada pode ser um espaço de escuta e de produção de conhecimento, no qual o cotidiano ganha forma, cor e sentido.

Essas experiências mostram que a formação é sempre um movimento, um tecido em constante construção. Formar-se é narrar-se, é transformar o vivido em memória e a memória em conhecimento. O projeto Saberes e Práticas na/da Educação Infantil nos lembra que, ao costurar experiências e partilhar histórias, também tecemos identidades e ampliamos o sentido de ser professora. E que, como na poesia de Pizzimenti (s/d), “de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós”.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 out. 2025.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998. v. 1.

DAHLBERG, Gunilla. Documentação pedagógica: uma prática para navegação e a democracia. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emília em transformação**. Por Alegre: Penso, 2016.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática sensível: contribuição para a didática na educação superior**. São Paulo: Cortez, 2022.

GALVÍNCIO, Amanda Sousa *et al.* (org.). **Portfólio Formativo**. João Pessoa: UFPB/SEDEC, 2023.

JOÃO PESSOA (PB); UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **A Colcha de Retalhos**. João Pessoa: UFPB/SEDEC, 2022.

JOÃO PESSOA (PB); UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Relatório Final do Projeto Saberes da/na Educação Infantil** (junho/2022 a maio/2023). João Pessoa: UFPB/SEDEC, 2023.

LIMA, Cláudia Maria de; BRITO, Rayssa Maria Anselmo de (Org.). **Entre retalhos: reflexões sobre o cotidiano da Educação Infantil no município de João Pessoa/Paraíba**. João Pessoa: UFPB/SEDEC, 2022.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PASSEGGI, Maria da Conceição. “Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório”. PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de retalhos**. s/d.

ROSITO, Margaréte May Berkenbrock; SOUZA, Juliana Paiva Pereira de. Documento autobiográfico: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 20, n. 66, p. 1255–1279, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/26983>> Acesso em: 10 out. 2025.